

A arte mantém vivo Mestre Môa do Katendê

» VINÍCIUS NASCIMENTO

Jornalista de Salvador, repórter de cultura, moda e esportes no Correio da Bahia e de política no BNews

8 de outubro de 2018 é marcado como uma das datas mais sangrentas da história do Brasil. Há quatro anos, o Mestre Môa do Katendê era assassinado por um apoiador do então candidato e futuro presidente Jair Bolsonaro por motivação política. O caso aconteceu no Dique Pequeno, onde Môa morava, na periferia de Salvador.

Criador do Afoxé Badaué, que virou verso de Caetano em *Beleza Pura*, Mestre Môa foi um dos maiores agitadores culturais do povo preto na Bahia. No Engenho Velho de Brotas, foi responsável por inspirar gerações de artistas como Márcia Short, que encantou o Brasil à frente da Banda Mel e, desde a infância, acompanhava o trabalho do Mestre, que foi seu formador cultural.

Neste mês de outubro, na eleição geral seguinte àquela que tirou a vida de Môa, dois discos e dois projetos audiovisuais serão lançados em sua memória. Môa do Katendê era, acima de tudo, um sonhador. E é obrigação do povo preto em todo o país manter seus sonhos vivos e realizá-los. Só assim sua memória será preservada.

No último dia 6, foi publicado o álbum *Raiz Afro Mãe*, projeto iniciado pelo próprio Môa em 2017, quando ele sonhava em convidar diversos artistas para cantar duas músicas e, assim, chegar ao público jovem a quem ele entregava tanta devoção.

Nas 16 músicas, sua voz continua a ecoar agora nas vozes de artistas como Emicida, Criolo, Chico César, Fabiana Cozza, Kimani, Rincon Sapiência, Edgar, BNegão, GOG, Jasse Mahi (filha de Môa) e os baianos, Letieres Leite, Márcia Short, Lazzo Matumbi, Mateus Aleluia Filho, o grupo BaianaSystem e Luedji Luna.

Além do álbum, Mestre Môa também será o foco do filme *Môa, Raiz Afro Mãe* (Kana Filmes), documentário musical de 101 minutos, que terá lançamento para convidados em São Paulo em 18 de outubro e entrará no circuito comercial em 2023. O filme é dirigido por Gustavo McNair, diretor, roteirista e fundador da produtora Kana Filmes.

Rodado entre Salvador, São Paulo e Rio de Janeiro, o filme acompanha a história de Môa da

década de 1970 até sua morte, mostrando seu trabalho como arte-educador e capoeirista, e seu legado na cultura afrobrasileira e mundial.

O outro projeto começou a andar sete anos antes de sua morte. Môa fez o registro sonoro de suas músicas no estúdio do amigo e produtor musical Átila Santana, que, agora, assumiu a frente do projeto de lançamento do álbum *Môa Vive!*, nesta sexta-feira (21/10).

O primeiro single do disco, *Presente de Oxum*, é interpretado pelo cantor Gerônimo, a quem Môa conheceu em 1982 — uma das primeiras amizades de Gerônimo ao retornar para Salvador após uma temporada no Rio de Janeiro. O disco nasceu de gravações intimistas entre Môa e amigos. Hoje, a produção das faixas ganha novas roupagens nas vozes de artistas da Bahia que se afiliam profundamente à obra do homenageado: Margareth Menezes, Russo Passapusso, Roberto Mendes, o supracitado Gerônimo, Aloísio Menezes e a talentosíssima Sued Nunes, cantora do Recôncavo de voz forte, sonhadora, libertadora — como o legado de Môa. Nomes como Mateus Aleluia Filho, Márcia Short, Russo Passapusso e Roberto Mendes aparecem também nessa coletânea. O disco conta com nove canções — sete

regravadas e duas das gravações originais, com a voz do próprio Môa.

Na instrumentação, estão músicos talentosos como Mestre Jorjão Bafafé, Gabi Guedes, Felipe Guedes, Roberto Mendes, Ivan Sacerdote, Mateus Aleluia Filho, Marcos Santos, Vinicius Freitas, Zanah Santos, Sebastian Notini, Matias Traut, Juliano Oliveira e o próprio Átila Santana, que assina a produção musical.

Esse trabalho virá acompanhado de um minidocumentário de 20 minutos, com depoimentos de familiares e artistas nos bastidores da produção do disco. O objetivo é aproximar gerações através da música de matriz africana, valorizando obras que marcaram o repertório de Môa no ijexá, unindo-se com afrobeats, samba de roda, funk e samba duro.

Consumir, compartilhar e sentir esses projetos é quase uma obrigação do povo preto e de todo o campo progressista. Toda essa mobilização de artistas de dentro e fora da Bahia mostra a melhor versão do trabalho de Môa do Katendê, que criava, unia, agregava, inspirava. Poderia passar o dia enumerando ações desse homem que, por mais que tivesse vício em realizar, se alimentava de sonhos. E é por meio dos sonhos que ele vai se manter vivo.

Assédio eleitoral: um crime contra a democracia

» RODRIGO QUEIROGA

Advogado e mestre em direito eleitoral

Um país que se orgulha do seu processo eleitoral e de seu pluralismo político não pode conviver com nenhum tipo de assédio que cause embaraço ou impeça a vontade de um povo escolher, legitimamente, os seus representantes. As denúncias de assédio eleitoral nestas eleições já superam os números registrados na campanha eleitoral de 2018. A duas semanas do pleito que irá decidir quem será o próximo presidente da República, o Ministério Público do Trabalho (MPT) informou que os registros de denúncias de assédio eleitoral aumentaram em mais de sete vezes, até agora.

Reforçar a importância da liberdade de escolha e da liberdade do voto nunca é demais em um país democrático. A liberdade de expressão e de escolha política do povo é um direito inviolável. A democracia no Brasil, que foi duramente conquistada, é o nosso maior patrimônio e não pode ser afrontada por aqueles que se julgam acima da lei. O assédio ou coação eleitoral é crime e está previsto no artigo 301 do Código Eleitoral. Usar de violência ou grave ameaça para coagir alguém a votar ou não votar em determinado candidato ou partido, ainda que os fins visados não sejam conseguidos, é crime e pode levar o responsável por essa conduta para a cadeia. Ou seja, a mera tentativa de constranger eleitores também é crime. O assédio

eleitoral tem pena de reclusão de até quatro anos e pagamento de 5 a 15 dias multa.

É horrenda a prática criminosas de empregadores que coagem, ameaçam e prometem benefícios para que seus funcionários votem ou deixem de votar em determinado candidato. O assédio eleitoral também ocorre em outras situações. Segundo o artigo 300 do Código Eleitoral (Lei no 4.737, de 1965), é crime o servidor público valer-se da sua autoridade para coagir alguém a votar ou não votar em determinado candidato ou partido. A pena é de até seis meses de detenção, mais multa. Já o artigo 302 do Código Eleitoral tipifica como crime a promoção, no dia da eleição, com o fim de impedir, embaraçar ou fraudar o exercício do voto, a concentração de eleitores, sob qualquer forma. A pena é a reclusão de quatro a seis anos e pagamento de multa.

“Essa atuação será mais efetiva, mais rápida, porque não é possível que, em pleno século 21, se pretenda coagir o empregado em relação ao seu voto.” A fala é do presidente do Tribunal Superior Eleitoral, o ministro Alexandre de Moraes, durante sessão Plenária naquela Corte. O recado é para os patrões e donos de empresas que usam o poder que têm para coagir os funcionários a votarem em um determinado candidato. Exigir voto em determinado candidato sob a ameaça da perda do emprego

ou qualquer benefício dele derivado é um ato que, além de crime, constitui uma verdadeira violação ao direito do povo votar secretamente em candidatos de sua livre escolha — alicerce da democracia.

O Ministério Público (do Trabalho, Eleitoral, Federal, dos Estados) e a Justiça Eleitoral têm feito sua parte atuando nas denúncias. Mas é preciso mais. É preciso esclarecer o cidadão que está sendo coagido e incentivar que ele faça a denúncia.

Quem sofre assédio eleitoral precisa denunciar. Não é só uma questão pessoal, mas, também, uma questão de cidadania. É o futuro do Brasil que está em jogo. No site do Ministério Público do Trabalho existe um link criado, especialmente, para denúncias anônimas: (<https://mpt.mp.br/pgt/servicos/servico-denuncie>). Já no caso do Tribunal Superior Eleitoral, a denúncia pode ser feita pelo aplicativo “Pardal”, criado pela Justiça Eleitoral especialmente para esse fim. A denúncia pode ser anônima.

O segundo turno das Eleições 2022 ocorrerá no último domingo deste mês (30). A Constituição Federal estabelece que o voto é livre e secreto, sendo um direito exercido em eleições periódicas. Que os patrões e donos de empresas respeitemo entendimento de cada funcionário. Que cada trabalhador entenda que é seu direito escolher quem vai cuidar do futuro do país.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Assédio eleitoral é...

Tivessem os atuais candidatos à Presidência apresentado consistentes programas de governo, contendo propostas realistas para os próximos quatro anos, e não projetos de poder, como o que vimos, nada dessa confusão raivosa teria palco ou plateia.

Esqueceram nesta campanha de falar do Brasil. Talvez não tenha havido tempo para tanto ou, quem sabe, o país não enfrente problemas. O fato é que estamos no escuro e num vazio de programas. A radiografia real do Brasil, mostrando suas entranhas, que deveria ser uma obrigação de cada candidato, também não nos foi apresentada.

Não aquela radiografia construída com dados inventados, subdimensionados ou inflados. Ao grupo de campanha que assessora cada candidato deveria preparar um dossiê completo do país, mostrando as áreas onde a intervenção aos problemas deve ser imediata. Onde estão os números reais e as soluções pontuais? Nada sabemos. Onde estariam e quanto custariam também o desenvolvimento deste e aquele projeto? Silêncio.

Nesta altura da discursaria se soube quem é o mais ligeiro em sacar ofensas. Sabe-se também quem mente mais. O passado no Brasil torna-se sempre um projeto de futuro. Nessas eleições regressamos ao passado, não de nossa história factual, mas ao pretérito de um Brasil de chanchada, com personagens caricatos sobre o palanque só faltam dançar e cantar. Voltamos tão para trás que o chamado “cabrestismo” ou o voto de cabresto, foi repaginado, se transformando no que o Superior Tribunal Eleitoral denomina agora de assédio eleitoral. Com isso, volta, também, na sua versão aditivada, o novo “coroné” ou coronel, na figura do candidato, que, por suas habilidades na prestidigitação da realidade, se mostra o plenipotenciário de toda a região Nordeste.

Aos eleitores, pela falta de programas, restam a escolha feita a partir da imagem que ele passa ao público, principalmente por sua capacidade e imaginação em fazer promessas. Nesse ponto não adianta apenas fazer promessas sem imaginação, é preciso que as promessas sejam precedidas de uma estória comovente e fantasiosa. É nesse exato momento, de volta ao passado, que as campanhas resgata também a áurea santa dos beatos, com os candidatos, agora achegados às igrejas, passando uma imagem de santos, cuja a única missão é a salvação das almas pelas urnas.

Fossem quaisquer dos candidatos, encostados contra a parede, ao vivo e a cores, por pesquisadores e estudiosos do Brasil, sobre seu real conhecimento deles a respeito do país que buscam governar, de certo, desmanchariam, se transformando em areia diante de todos.

É essa iconoclastia, ou o pulverizar dessas imagens falsas que as campanhas necessitam para que o país se sobressaia muito além desse ou daquele candidato. O que não pode é a Nação ficar em segundo plano, assistindo passiva o desfilar desses candidatos ao paraíso.

O assédio eleitoral é essa volta compulsória ao passado, obrigando a população a assistir esses debates de coronéis, que se acreditam beatos, ouvir propaganda eleitoral gratuita e de baixa qualidade e além disso ser obrigado a engolir o cipocal de censuras impostas à população. Assédio eleitoral é o que o Estado nos obriga a aturar durante meses de campanha. Como se não tivéssemos coisa mais importante a fazer.

» A frase que foi pronunciada

“Durante uma campanha política todos se preocupam com o que um candidato fará em relação a esta ou aquela questão se for eleito, exceto o candidato; ele está muito ocupado imaginando o que fará se não for eleito.”

Everett Dirksen

Mas moço!

» Pelo interior prefeitos e vereadores candidatos oferecem de tudo para a população, que aceita de bom grado e vota no concorrente.

Azul conecta

» Uma opção interessante oferecida pela Azul. Aeronaves da frota Cessna Grand Caravan, com nove lugares, vão todos os sábados de Mossoró para Fortaleza e, no domingo, de Fortaleza para Mossoró. A segunda maior cidade do Rio Grande do Norte está em pleno crescimento turístico. As salinas e o parque arqueológico em Apodi estão fazendo sucesso.

Domingo

» Longas filas nas eleições se deram por dois motivos. Pessoas que tinham a cola na cabeça e não levaram os nomes e ordem dos candidatos por escrito ocuparam as urnas por mais tempo do que imaginavam. O teclado digital também foi vilão no domingo de eleição. Não permite a mesma destreza que o teclado físico oferece. A orientação para o pessoal da fila é a tarefa mais importante do processo.

» História de Brasília

As irmãs de S. Vicente de Paulo (*Taguatinga*) vão inaugurar, em Brasília, no mês de abril, a primeira creche para crianças, na *Península Sul*. (Publicada em 11/3/1962)